

A OUTRA FACE DE ORLANDO GOMES

ELSON GOTTSCHALK

O Museu Eugênio Teixeira Leal, sob a criteriosa direção do professor e escritor José Calazans, além de outros objetivos, vem mantendo o louvável Programa cultural de, em sessão pública, recolher a Memória de grandes vultos da Bahia, através da palavra dos próprios parentes, porque pessoas mais qualificadas para este fim. São depoimentos originais, puros e palpitantes de pessoas que conviveram intimamente no cotidiano de grandes vultos, que souberam elevar ao máximo não somente o nome da Família a que pertenceram, mas, sobretudo, os fastos da Pátria a que honradamente serviram. Assim tem sido seu louvável trabalho ao longo do tempo. Daí a surpresa que se me apossou, quando fui solicitado pelo seu digno presidente para falar, sobre Orlando Gomes, eu que me julgo muito aquém do correto desempenho desta honrosa tarefa. Com efeito, antes de mim estariam, aí, disponíveis, altamente qualificados seus queridos e ilustres filhos Marcelo, Márcio, Marco Antônio e Mauricio, qualquer um deles capaz pelo coração, inteligência e conhecimento da vida e obra do consumado jurista de fornecer rica contribuição cultural ao acervo deste Museu, acerca da Memória do eminente homenageado.

Mas, em se tratando de Orlando Gomes, eu me julgo devedor perpétuo de gratidão e sentimentos irredimíveis, mercê de carinho e solicitude discretos a mim dispensados ao longo de mais de cinquenta anos de saudosa presença, que se transformou em ausência inconsolável, como costuma dizer Nelson Carneiro. Nem imaginar se podia recusar eu tal convite, tanto mais quanto fora feito com o aval cativante de seus filhos, queridos amigos meus.

Ciente estou, entretanto, da grande responsabilidade que a tarefa me traz, a começar da melhor esquematização, tantos os aspectos em que se desdobra a omnímota personalidade do grande homenageado.

Creio que numa palestra deste tipo não cabe focalizar todas as facetas de sua vida. Sobre todas elas ficam as Letras Jurídicas brasileiras e baianas em

permanente débito, que um dia há de ser saldado com altitude que meus braços não alcançariam. O professor de direito, o educador, o administrador de educação, o pedagogo, o didata; o conferencista, o debatedor de temas jurídicos, o congressista; o codificador, o jurisconsulto, o jurista, o parecerista; o advogado, o juiz, o consultor jurídico; o articulista em revistas técnicas, o cronista do cotidiano na imprensa, o contista, o acadêmico; o “causeur” às vezes ferino, às vezes sutil; o homem de ação fundador e dirigente de associações culturais, esportivas e econômicas; o crítico das crises do direito, da economia, da política; o autor de Direito Econômico e de Sociologia do Direito; de Direito do Trabalho e de Direito Civil.

Como se vê, pelo simples enunciado, as múltiplas facetas de sua rica personalidade não cabe na concha da mão nem nos retângulos acanhados de algumas folhas de papel, como essas que tenho em mãos. Ficamos sempre em débito com a Memória de um Homem, que preenchendo meio século de vida cultural da Bahia e do Brasil, com centenas de trabalhos de pesquisas técnicas publicados e trinta e seis livros de alto nível científico em várias edições, mal se compreende *como* e *onde* achou tempo para produzir tanto intelectualmente.

Teixeira de Freitas e Clóvis Beviláqua tiveram suas biografias magistralmente esculpidas na pena de um grande pesquisador: Sílvio Meira, ele soube retratar fielmente a imagem desses dois codificadores que tanto despertaram no exterior o interesse por nossa cultura jurídica. Orlando Gomes foi, também, codificador, e este atributo, como tantos outros está em busca do biógrafo, que há de fixar definitivamente sua Memória para as gerações presentes e futuras.

A mim não cabe senão prestar modesto testemunho do que *vi* e *ouvi* umas poucas de vezes no convívio com esta forte personalidade, presença rica de espiritualidade, que encantava de lés a lés as horas de lazer e descontração; os diálogos polêmicos cheios de rebates cultos e inteligentes; o argumento seguro, a guarda alta e vigilante defronte as estocadas do interlocutor; a fácil fuga diante das burlas que porventura lhe fossem armadas. A começar por mim, direi que senti na própria pele, por vezes, a verruma do seu espírito sagaz e sarcástico.

Certa feita, perguntei-lhe, desprevenido, mas mal dissimulando o desejo de resposta que massageasse o *ego* —, quantos anos ele me dava. — Incontinentemente, o Mestre retrucou-me: “Elson, Você ainda quer mais anos do que já conta?”. Tratei de mudar o rumo da prosa. Eram repentes desta jaez que caracterizavam o lado pitoresco dele. Estivesse elaborando um Parecer de alta indagação jurídica, ou descontraído em momentos de lazer, o espírito estava sempre aceso. Era capaz de opinar com sólidos fundamentos sobre temas variados e díspares simultaneamente com vários interlocutores. Lia de tudo e

sobretudo era atualizado. Desde a culinária à informática estava apto a emitir opinião, e embora tolerante com opiniões contrárias, equivocava-se quem o supusesse por fora do assunto. Certa feita, discutíamos, como de praxe, à mesa de um grupo de amigos convocados por ele, sobre as “virtudes” do “cognac”, eu insistia que se tratava de um “aperitivo”, ele asseverava que era um “digestivo”. A discussão prolongou-se e afinal morreu no sumidouro de outros assuntos. Na semana seguinte, recebi pelo correio cópia xerocada de uma página de autor francês, uma monografia, em que concluía ser o “cognac” bebida digestiva, que se serve após a refeição. Lembrei-me, na ocasião, de episódio semelhante que teria se passado com Rui Barbosa, mas daquela vez com “briga de galo”. O grande jurisconsulto enviara ao seu interlocutor, que duvidava de sua competência sobre o assunto, um tratado, para provar que não era um diletante.

Às vezes Orlando Gomes me surpreendia com súbito silêncio, nas horas de prosa e esparecimento, parecia desatento, alheio aos circunstantes, divagando. Puro engano, estava vigilante, mente aberta, apto a captar a conversa de mais de um interlocutor a um tempo, e dar nomes, aclarar as dúvidas sobre pessoas e fatos, fossem sociais, jurídicos, econômicos ou políticos. As antenas do espírito estavam sempre orientadas para tudo que ocorria em volta. Por outro lado, se assim o quisesse, era capaz de abstrair-se do ambiente em torno, por mais ruidoso e dispersivo que fosse, para se aprofundar ali mesmo na elaboração de um Parecer jurídico da mais alta indagação. Não era à toa que corria o boato, na sua juventude, que aprendera Direito Civil nas mesas de um cassino.

O que é fato é que desde a mocidade sempre soube conciliar as exigências do espírito com os prazeres mundanos. Era um espartano sem deixar de ser ateniense. Prezava Platão mas era mais amigo da verdade, a sua verdade, pesquisada, torturada nas tenazes da dúvida cartesiana da qual muitas vezes saía ileso, para cair no universo de Espinosa. Mas, como Renan, estava preparado para o que desse e viesse, entregava-se de acordo com a hora, à confiança, ao ceticismo, ao otimismo, à ironia e às vezes estava certo que em determinados momentos estava com a *verdade*. O bom humor para ele era um estado de espírito filosófico, que parecia dizer ao mundo que não o levava a sério mais do que ele o levava.

A disciplina da vontade era para ele o código de perfeccionismo para todos os atos, pensamento e comportamento. A começar dos atos mais singelos, obedecia com rigor os cânones que se impôs, desde a letra, a letra de imprensa com que manuscrevia toda a produção intelectual, conhecida de toda gente, de relance, e impressa no papel em estilo simples, transparente, didático e com raras rasuras, como se tivesse saído em jato perfeita e acabada do cérebro.

Nunca soube ou vi que utilizasse máquina para digitar caracteres; o rascunho de seus trabalhos constituem precioso acervo arquivado na Fundação que instituiu, e encerra documentário autêntico de sua vasta produção jurídica.

O *tempo* era a obsessão de sua conduta de vida; aproveitava-o por inteiro, como se fora o melhor bem de que dispunha. Certa vez, estávamos no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, aguardando a hora de embarque, sob a maior confusão de entra e sai de passageiros, enquanto ele simplesmente lia absorto Agatha Christie, da qual era apaixonado leitor. Tamanha a disciplina do espírito e dos hábitos cotidianos que tudo ou quase tudo que realizava o fazia por escrito: fossem as rotinas do dia-a-dia; os itinerários de viagens, estes, planejados em quadro dividido em colunas onde se lia a data, o local, a hora, a atividade e até as horas para refeição e descanso. Conservo, ainda hoje, exemplar dessas programações, pois até cópias eram distribuídas entre os parceiros de viagem. A conjugação de tempo, espaço e matéria era um dos fortes traços de sua personalidade. Tanto assim que, na atividade docente, quando soava o final da aula, ele pronunciava as últimas palavras da matéria enfechada no esquema do quadro-negro, cronometrado para durar os cinquenta minutos, conforme a norma regulamentar.

João Antunes Varela acerca de suas aulas debuchou um quadro perfeito: — “...o professor agarra na idéia essencial de cada instituto e, através do exame crítico de toda sua problemática, procura criar no espírito dos ouvintes os quadros mentais de uma verdadeira formação jurídica. Isto era feito como se tivesse um relógio na cabeça e uma bússola na mão.” (Bibliografia, C.E.D. da UFBA, 1981, pg. 21).

Aliás, por toda vida seguiu um ritmo tal que, em termos simbólicos, adotando a lição de C. Jung, poderíamos representar nos instrumentos de precisão: relógio, bússola, esquadro, régua e compasso. Eles podem muito bem exprimir suas virtudes de pontualidade e trabalho; orientação e firmeza; perfeição e singeleza; retidão e sentimento; harmonia e competência. Aliás, os gregos muitas vezes simbolizavam a harmonia do sábio na redondeza das esferas; a bússola exprime a orientação para as regiões altas do pensamento; a régua representa a correção das atitudes na linearidade do traço; a ampulheta ou clepsidra (o relógio) a brevidade do tempo, que não deve ser desperdiçado. Ele soube fazer bom uso desses instrumentos-símbolos, e a essência de sua personalidade era uma síntese de todos eles. Por isso fugia à pauta comum dos indivíduos, suscitando neles o errôneo julgamento sobre o caráter. Um temperamento algado, distante, orgulhoso. Estes poucos tomavam a nuvem por Juno. Se às vezes demonstrava aparência fria, sobranceira diante de pessoas e fatos, até isto era fruto da disciplina interior, da contenção instintiva do temperamen-

to, do poder da vontade sobre a mente senão a intuição de que essa era conduta certa. Nada havia de algidez e orgulho em seu natural modo de ser.

Por algumas vezes vi-o prantear os olhos diante de fatos comezinhos, como o reencontro com amigos após longa ausência; o incontido regozijo com as vitórias de seu querido Bahia, o clube de sua preferência; o apego aos filhos principalmente nos momentos de perigo, quando nunca se afastava de Salvador, porque, dizia, era preciso sua presença, aqui, nos dias de reinado de Momo. A este propósito, era de vê-lo contido, sereno, aparentemente algado diante de um fato que talvez tenha mais marcado sua vida: a festa da entrega da Láurea de Coimbra. O evento foi tão importante para ele, que não ficou esquecido por toda a vida. Isto mesmo confessou-o de público, muito mais tarde, quando teve de responder pergunta sobre o fato mais marcante de sua vida: a Láurea de Coimbra. Isto está registrado no 'Vídeo Imagem e Som', produzido pela Editora Forense, Rio, para conservar a Memória dos grandes autores que integraram seu Quadro. Vejamos agora algo sobre a solenidade da entrega da Láurea.

Em sessão solene e única a Láurea de Coimbra foi entregue em maio de 1982 a quatro grandes juristas brasileiros: Orlando Gomes, Miguel Reale, Alfredo Buzaid e Heleno Fragoso. Em todos os atos solenes previstos no secular Estatutos Pombalinos, Orlando Gomes gozava do direito de precedência, como decano da cátedra. Assim, liderou o cortejo dos catedráticos, falou em primeiro lugar na Sessão Solene e foi o orador oficial no banquete do dia seguinte. A tradição mandava que os professores recém-empossados, de per si, pronunciassem discursos escritos, na solenidade. Ocorre que o professor Alfredo Buzaid quebrou, no particular, o protocolo, falando de improviso, aliás com alta eloquência. No dia seguinte, na hora do tradicional banquete, era a outra vez de Orlando Gomes usar da palavra agradecendo as homenagens, em nome dos colegas. Concedida a palavra pelo Reitor da Universidade de Coimbra, ele levanta-se sob silenciosa expectativa e, calmo e sereno, transfere a palavra a Alfredo Buzaid, salientando o seu empolgante discurso de véspera.

Outro episódio, este profundamente lastimável, foi o falecimento de um dos membros da comitiva, que, às próprias expensas, acompanharam o amigo à Coimbra. Orlando Gomes só veio a saber do infausto acontecimento já no Brasil, e, imediatamente, pegou na caneta e escreveu comovente registro que publicou em "A Tarde", sob o título "Meu Compadre Décio", onde desabafou sua dor, carinho e saudade pela morte do amigo desde os tempos da Faculdade.

O primeiro desses episódios se enquadra na moldura da modéstia, simplicidade, harmonia e coerência consigo mesmo revelada desde a mocidade dos anos 30, prolongada no caráter do jurista plenamente realizado dos anos 80.

Naquela primeira fase de sua vida, vamos ver o jovem Orlando, brilhando no concurso de Introdução ao Direito, na antiga Faculdade Livre de Direito, tendo como concorrente o temível e talentoso Nestor Duarte, com quem charmoso, sereno, seguro de si mesmo terçou armas em justa memorável aos vinte e quatro anos de idade. Vencido por diferença mínima, deixou o recinto da Faculdade para se dirigir ao telégrafo e expedir mensagem felicitando seu ilustre contendor pela merecida vitória. Pouco depois voltaria à mesma Faculdade, após memorável concurso para a cátedra de Direito Civil, passo inicial para a formação do futuro Autor do Anteprojeto do Código Civil Brasileiro. O antigo insucesso foi o degrau definitivo para o maior lance de sua vida, daí a sabedoria popular de que há males que vêm para o bem.

Registramos o fato para ilustrar o espírito superior de Orlando Gomes, imbatível diante de vicissitudes e indomável na realização individual de seus projetos de vida. Não lhe faltaram, por outro lado, a usurpação de honrarias como foi o episódio do cancelamento da nomeação para Reitor da Universidade Federal da Bahia, golpe que o deixou amargurado, mas não abatido.

Na vida de todo grande Homem tem instantes de penúmbra e dias de esplendor; como astros que transitoriamente são ofuscados por passageiros blocos de nuvens. Orlando Gomes, em vida, teve a ventura de receber da comunidade baiana as maiores demonstrações de carinho, afeto e simpatia, que um homem público pode aspirar. O seu temperamento não permitiria jamais que obtivesse tantas homenagens pela demagogia e queima de incenso aos poderosos da terra. A tanto ele nunca desceu nem transigiu. Vale recordar os festejos pelo seu jubileu universitário, aos cinquenta anos de cátedra, quando espontânea e entusiasticamente a sociedade baiana, pelas suas instituições mais expressivas, culturais, esportivas, econômicas, governo, oposição e povo promoveram-lhe em vida verdadeira consagração. Tamanho o calor das homenagens, que o homenageado escreveu um livro que intitulou “Sans Adieu”, quase a suplicar que com aqueles festejos não se despedissem dele, pois sua mente lúcida muito ainda tinha a oferecer à sua terra. Pouco depois veio a falecer. (29/07/88).

A vida de Orlando Gomes foi uma sucessão de pequenas sombras e amplos espaços cheios de focos de luz. Não tinha ele por que temer aquele pesadelo que tanto afligia Arthur Koestler: “depois dos setenta anos o homem de letras tem diante de si apenas duas perspectivas: ser esquecido antes de morrer ou morrer antes de ser esquecido”. Ora, com este dilema o inditoso grande romanista não deixava alternativa para o homem de letras, em qualquer hipótese a carreira seria sem perspectiva. Orlando Gomes, que ele também era um cético a respeito do julgamento da posteridade, ele mesmo é a prova de que os homens

dotados de talentos e capazes de legar obra meritória à posteridade não são esquecidos. E hoje mesmo com esta Sessão comemorativa damos prova disso.

Ele em qualquer circunstância não perdia o senso de humor, um humor discreto, cordial, afável. Por ocasião dos festejos do jubileu recordo que foi programada solenidade na Junta Comercial, onde seu pai, Mário Gomes, próspero comerciante em vida, servira como Vogal. O salão estava repleto, muitos eram os ex-alunos presentes. A Mesa Alta que dirigia os trabalhos, os convidados de mais destaque. Após várias saudações, o presidente deu-lhe a palavra. Começou nomeando atenciosamente os membros da Mesa, e se dirigindo ao auditório, observou que ali podia distinguir vários ex-alunos. A esta altura, Jorge Calmon, que integrava a Mesa, lembrou que também ele se honrava de ter sido discípulo do Mestre. Sem perder o “aplomb” ele retrucou, incontinentemente: “eu não quis cometer uma inconfidência”. Risos do auditório, descontração geral. Por outro lado, não lhe faltavam achados picantes, “boutades” picarescas. Numa roda de amigos alguém citou o nome de ilustre personagem, provocado a opinar disse que apenas faltavam-lhe chifres para perfeita cavalgadura, — “Mas Mestre, burro não tem chifres”, — e a resposta veio súbita: “então não falta nada”. Pensar em pegar-lhe burlas ou ciladas em contrapartida às suas, era tempo perdido. Dou o meu testemunho. Certa vez, estávamos em Paris, num hotel à rua Pierre Charron, e astuciei uma burla. Preparei-me cuidadosamente, e à noite liguei para seu apartamento, falando no mais esforçado francês parisiense. Eu era secretário do decano e Reitor do então Maurice Verdier, e, em nome dele, convidava o Mestre brasileiro para expor, na Sorbonne, a professores e alunos do arcabouço do Anteprojeto do Código Civil brasileiro, então no Congresso Nacional. Ouviu-me com atenção, e afinal recomendou ao secretário do Reitor que se entendesse com o secretário dele, professor Elson Gottschalk, os detalhes da palestra. Por todo o dia seguinte, silêncio total; na hora do jantar veio à baila, de sua parte, discreta conversa: que Jayme Baleeiro, de outra feita, havia tentado pelo telefone, em sotaque urandiense, pegar-lhe desprevenido. Eu, calado estava, calado fiquei.

Orlando Gomes era Mestre que ensinava pela palavra e pelo exemplo. A procura da *verdade* era sua obsessão, e isto ele demonstrava até nas coisas prosaicas. A sua honestidade intelectual levava-o ao ponto de confessar por escrito seu erro, o que para muitos podia ferir o amor-próprio ou a vaidade. Trago aqui episódio que bem revela seu sentimento de humildade e transigência. Discutíamos sobre Jorge Amado, ele o afirmava autodidata, como Adonias Filho; eu lhe contestava, afirmando que o primeiro romancista era bacharel em direito, diplomado pela Faculdade Nacional de Direito, do Rio. Dias depois, juntei alguns recortes de jornal onde se corroborava minha afirmativa e lhe

enviei, pelo Correio. Não tardou sua resposta, confessando o seu equívoco, e se penitenciando de ter sido mal-informado. Isto revela uma atitude filosófica próxima ao estoicismo. A humildade de reconhecer o erro, e a receptividade do espírito para aceitar a verdade, mesmo contra arraigada convicção.

Outro episódio revela bem seu estoicismo e humildade perante a vida. Era ele presidente da Associação Comercial da Bahia, quando surgiu o debate sobre a constitucionalidade de certa tributação, incidente sobre operações comerciais. Os jornais da época ventilavam amplamente a polêmica, e pelas tantas chegaram a anunciar que a resistência civil do não pagamento poderia levar à prisão do dirigente da Associação. Ouvido pelos jornalistas a respeito dos boatos, ele, calmamente, contou uma historieta: “a propalada prisão não o colheria de surpresa, pois uma *cigana*, que há tempos lera sua mão, lhe prognosticara uma terceira prisão. Por duas acusações de subversão já houvera sido levado ao cárcere”. O episódio levado à imprensa, desarmou os espíritos em ambiente do mais sadio bom humor.

Outra face que não é suficientemente conhecida é o do discreto apoio e ajuda dispensado às pessoas e ex-alunos, claro que espontânea e desinteressadamente. Apenas para ilustrar este aspecto de seu caráter, não por vaidade pessoal, vou narrar episódio que se passou comigo mesmo.

Eu havia me ausentado desta Capital por cerca de um mês, quando regressei à casa, encontrei sobre a mesa do gabinete um volume em que identifiquei logo o remetente: a letra de imprensa não deixava dúvida. No volume logo aberto encontrei 40 cartas subscritas a vários destinatários, com endereços para quase todos os Estados da Federação. Lendo uma das cartas, constatei que o signatário pedia o Voto a quarenta juristas brasileiros, para a minha eleição à Cadeira nº 37, da Academia Brasileira de Letras Jurídicas. Em outra carta recomendava-me de imediato colocar as cartas no Correio. Fiquei perplexo, jamais me aventuraria, por iniciativa própria, me candidatar à Academia, que congrega os mais altos valores da ciência jurídica do País. Pouco depois comeci a receber respostas de juristas eminentes, a começar pelo seu fundador e escritor Othon Sidou. Fui eleito em primeiro escrutínio sem discrepância de voto. Influência e prestígio do Titular da Cadeira nº 1 e um dos Fundadores da Academia. Fundador, também, com outros, da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, onde como seu primeiro presidente teve idênticos gestos de grandeza com muitos dos atuais acadêmicos, à revelia deles, como aconteceu com seu dedicado amigo, o professor Mário Figueiredo Barbosa.

Jamais se recusava a colaborar com amigos e colegas.

Corria o ano de 1962, sucedeu que fiquei, em sua ausência, provendo a Cadeira de Direito do Trabalho, na UFBA, e me dei conta da falta de um

Manual desta disciplina para estudantes. Com o regresso da Argentina, onde se encontrava em excursão cultural, arrisquei-me a propor-lhe escrever, a quatro mãos, manual sobre o tema, sem muita esperança de resposta afirmativa. Ao contrário, aderiu de pronto e com entusiasmo, de logo me incentivou a começar a obra, redigindo o primeiro capítulo. Autorizou-me a fazer plano e sistematização da obra, fixando-me o prazo de entrega de cada capítulo: uma semana. Esforcei-me ao máximo e entreguei-lhe o esboço no prazo. Na segunda-feira seguinte devolveu-me o esboço, com anotações nas entrelinhas e, no final, as iniciais O.K. em letra vermelha. Não me contive de contente, e a retribuição foi a auto-imposição de não falhar uma só semana até esgotar por inteiro a tarefa. O título inicial, por sugestão dele, “Curso Elementar de Direito do Trabalho”, passando, mais tarde, a “Curso de Direito do Trabalho”. A princípio me pareceu que não acreditava muito no êxito editorial do livro, mas quando atingiu a 7ª edição recebi por intermédio dele carta de Aliomar Baleeiro, na época substituindo seu fraterno colega e amigo Bilac Pinto na direção da Companhia Editora Forense comunicando o seguinte: “...vai em xerox, anexa, a carta que o Licenciado Miguel Bermudez, da Justiça do Trabalho de Durango, México, pede em nome do editor dele, Cardenas, condições para traduzir e editar o excelente livro que Vocês deram à luz pelas entranhas da Forense. O livro foi, com efeito, traduzido e pela Cardenas distribuído, com exclusividade, nos países de língua espanhola. Dessa data em diante ele passou a crer definitivamente no êxito da obra, que vem mantendo sucessivas edições. Igual colaboração e parceria ele deu a dois ilustres juristas, um brasileiro e o outro português: Nelson Carneiro e Antunes Varela. Ele não só emprestava o prestígio de seu nome, como se empenhava por ver homenageado colegas e ex-discípulos que julgasse merecedor de premiações e distinções honoríficas. Conhecido seu carinho e dedicação a Aderbal Freire, Othon Sidou, Aloisio de Carvalho, Filinto Bastos, Alexandre Machado, Adalicio Nogueira. Sua veneração por Edgard Santos, a quem ajudou, com Pedro Calmon, a fundar a Universidade Federal da Bahia. Seu carinho por tantos outros da geração mais nova.

Apesar da grandeza de coração e caráter Orlando Gomes, em vida, não teve imunidade diante da perfídia humana. Já Shakespeare dizia, pela boca de Falstaff, que a inveja e a maledicência existem desde que o mundo é mundo. Por fezes ele sentiu na pele o ferro em brasa da calúnia e o despeito. No ensejo da elaboração do Anteprojeto do Código Civil Brasileiro não pôde evitar, como era de esperar, a sanha raivosa dos detratores de suas idéias inovadoras e modernas, sobretudo no campo do Direito de Família. Ele sabia, porém, que as sombras do passado não poderiam empalidecer as claridades do futuro.

Ainda hoje o seu Anteprojeto continua sendo a fonte mais conspícua de inspiração aos novos legisladores. Quando construiu a nova sede da Faculdade de Direito na qualidade de Diretor, os cochichos da maledicência deixaram-no prevenido. E quando Alexandre Machado sugeriu à Congregação da Faculdade uma placa de bronze com seu nome, ele, por ofício, antecipou-se, recusando-se delicadamente a homenagem. No discurso de inauguração ficaram, porém, palavras que valem mais do que vãs e fáceis dizeres em bronze: “Neste momento entrego a Faculdade a seus legítimos usufrutuários — os estudantes de direito. Para que a desfrutem. Para que a conservem. Para que a engrandeçam”. (Rev. Fac. Dir. UFBA, 1959/61, pg. 232).

A preservação de sua obra dirigida à juventude concretizou-se, afinal, na instituição, em vida, da Fundação Orlando Gomes, por meio da qual consagrou seus livros e todo seu patrimônio cultural aos estudantes de direito da Bahia e do Brasil. E aí está sua obra veiculada pela Fundação, sob a zelosa direção de Marcelo Gomes, ajudado por Marcio, Marco Antônio e Mauricio, coadjuvados por Renan Baleeiro.

Como ele desejava, diariamente os livros são consultados e lidos no espaçoso salão por estudantes, bacharéis, professores, advogados, juízes, consultores jurídicos e quem mais deseje. Em cima, no segundo piso, o auditório que continuamente é palco de cursos de especialização, seminários, jornadas e conferências. Ao lado do auditório, a reprodução perfeita de seu escritório de advocacia, dispostos tal como estavam os objetos e mobília no dia de seu falecimento. Do lado externo, à frente da fachada ergue-se a estátua em bronze, mãos para o alto em direção à fachada de sua querida Faculdade, que ele construiu, como se estivesse a repetir suas palavras: ...estudantes, façam bom uso e engrandeçam esta Faculdade. Do seu lado direito, bem em meio à ribanceira, a estátua também em bronze de Teixeira de Freitas, envergando austera toga — dois portentos da cultura jurídica brasileira, unidos e unindo para sempre, pela magia da sabedoria os corações e cérebros de gerações presentes e futuras de jovens estudantes.

Os dois codificadores ali se defrontam e espiritualmente se confraternizam, sob a placidez do Vale do Canela, o primeiro à espera do biógrafo, o segundo já biografado definitivamente na magnífica obra de Silvio Meira. Este excelente biógrafo e pesquisador, aliás, na Casa de Montezuma, no Rio, outro baiano, já andou debuchando com mãos de mestre o perfil de Orlando Gomes. Eis um trecho expressivo desse discurso: “Os gênios da ciência jurídica souberam captá-las e esta é a virtude de Orlando Gomes: o dom de colher nesse mundo imponderável de idéias aquelas que mais lhe parecem ajustar-se à realidade nacional, tirando-as de si próprio, às vezes, ou do celeiro comum,

fechado aos olhos vulgares e só acessível aos que possuem os dotes especiais da intuição criadora”. (Rev. For., 1963, pgs. 456/465). Nesta mesma oração em que foi homenageado pela autoria do “Anteprojeto” e pelo “Prêmio Teixeira de Freitas”, pelo Instituto dos Advogados Brasileiros conclui com essas comoventes e justas palavras: “Um cidadão do mundo com algo fáustico nessa multiplicidade de figuras que concentra em uma só personalidade: a do Homem livre. Livre por convicção, na palavra e na ação. Esta frase é sua a paixão da liberdade é o brasão mais honroso que podemos ostentar”:

Em frente da fachada de sua “Fundação”, no Canela, estende-se o perfil alegre, moderno, amplo e arejado da Faculdade, dominando o Vale e carregado de tradição principalmente do civilismo brasileiro. Dali despontou outro codificador, Eduardo Espínola, autor do Código de Processo do Estado da Bahia, considerado, então, obra-prima entre as codificações estaduais. Também com ele Orlando Gomes seu admirador confesso, vinculou-se desde o instante em que o substitui na Cadeira nº 16 da Academia de Letras da Bahia.

Outra face de Orlando Gomes, que nunca me passou despercebida, se relaciona com seu desprendimento por bens materiais, e sua modéstia que tangia às raias da timidez.

No fundo era um temperamento tímido e retraído, mantinha hábitos simples, era infenso à publicidade para a qual, não raro, a crônica social tanto desejava arrastá-lo. Apesar disso, seu nome saía freqüentemente na chamada crônica social. Certa feita, delicadamente, escreveu a um cronista que havia nomeado sua presença em ato social, mencionando até a cor da gravata, que, “verbis” — “pelo bem à sua genitora não lhe mencionasse o nome na coluna”. Numa época em que a maioria dos profissionais liberais tanto se ufanam e envaidecem por serem nomeados em colunas, o seu era realmente um caso de exceção. Ainda na linha do retraimento e modéstia estão as constantes e peremptórias recusas de fazer lançamentos públicos, com autógrafos de livros seus para pessoas adredemente convidadas. Em vão as editoras o solicitassem. Não toava com seu estilo. Nem por isso seus livros encalharam nas livrarias, apesar de sucessivas edições. Até para certos atos muito “distintos” e que fariam o garbo de muita boa gente, recusava-se a comparecer, delicadamente. Lembrou-me que certa feita, em Lisboa, o nosso embaixador enviou um convite especial ao hotel, para comparecer a uma tarde de coquetel, desejava, naturalmente, homenagear o grande jurista. Quando percebi sua intenção de recusar o convite, tudo fiz, em vão, para demovê-lo. Simplesmente, encarregou-me de comparecer e apresentar suas gratas desculpas.

Além de modesto e simples, nunca quis ser homem rico, embora não lhe faltassem meios honestos. Isto mesmo ele o diz, veladamente, e por escrito.

Trago a lume uma carta sua a mim dirigida, em 1965, vinte e cinco anos após minha formatura, para se justificar da ausência ao ato comemorativo da “Turma” de 1940, a 1ª de sua Paraninfa, seguida por nove outras. Na carta dizia à Turma, por meu intermédio, “*verbis*” — “...desde então não cresci nem na ambição, nem na soberba. Meus atuais alunos podem atestar que continuo a ministrar aulas tão despretensiosamente como nos tempos da mocidade, a me demorar, a despeito de ser hoje um “operational scholar”, mas com o que vale menos e não me custaria tanto”.

Estas palavras verdadeiras, escritas vinte e cinco anos após, puseram em evidência as minhas próprias falsas impressões, dos anos 1936, quando pela aparência o julgava apegado aos seres e ao fausto. De fato por toda a vida ele revelou-se desprendido de riquezas materiais, que não lhe seriam difíceis de conquistar com abundância, dentro nos parâmetros de decência e honradez. Lembro-me que seu escrúpulo em fixar honorários excedia os cânones da deontologia. Se o desejasse e fosse ambicioso, só os Pareceres lhe teriam fornecido um tesouro, tal a disputa por eles em todo o País; mas tinha até cerimônia de fixar-lhes o preço. Nisso também era émulo de Clóvis Beviláqua.

Sua riqueza era a do espírito e seu ideal era o humanismo; suas palavras ao justificar a reforma do Código Civil são expressivas: “...afinal o que conta é o Homem, que nele está a *raiz* do mundo”.

A virtude do trabalho era o código de honra que deliberadamente se impôs. Para trabalhar tanto, com atividades desdobradas em vários setores e atendendo-os em alto nível de qualidade e eficiência teria de sacrificar, como de fato o fez, instantes de rotineiro lazer, mergulhando na pesquisa, estudo e reflexão em horas e dias que a maioria das pessoas reserva para o descanso e lazer. A fama de anti-social, no sentido de ser refratário à reunião social provém daí; isto é, obstinado aproveitamento do tempo para arrazoar, preparar aulas, dar Parecer, escrever livros, artigos, crônicas, etc. Entretanto, tudo era feito sob a disciplina do método. Por exemplo, não transigia com a hora certa, certíssima de se deixar e acordar, como se indiscrepável relógio desse o alarme.

Não só o amor ao trabalho que tornava alegre a execução do mesmo, também o amor à liberdade em todas as múltiplas facetas; o sentimento arraigado de humanismo; o entranhado sentimento de tolerância e horror ao fanatismo de qualquer natureza; o repúdio ao oportunismo e ao carreirismo; o destemor para alijar sem condescendência o que fosse obsoleto, o discernimento para perceber o que está morto em nossa civilização; os pendores para a prefiguração do futuro, tudo isso formava atributo marcante de sua personalidade.

No seu discurso proferido na Faculdade de Direito para recepção da urna

com os restos mortais de Teixeira de Freitas, trasladados do Estado do Rio de Janeiro, Orlando Gomes, fazendo o elogio do extraordinário jurisconsulto, o maior dentre os maiores, no País, traz à lume apropriada sentença de Rui, condenando a injustiça dos contemporâneos para com os grandes Homens, como o foi Freitas, sentença que se pode aplicar a Orlando Gomes, que tanta falta está nos fazendo no presente da vida nacional: "...a lição dessas existências superiores não rebrilha sobre nós em toda a firmeza de sua claridade enquanto não chegam à culminação definitiva na transparência do além-túmulo e na paz divina da morte".

Em 1968, quando encerrava o discurso de recipiendário na Academia de Letras da Bahia, dizia: "Ingresso nun círculo de intelectuais que prezam e exercem a força e a honra de ser Homem, na dimensão da grandeza humana". A grandeza humana para ele estava nos valores do espírito e não no poder das dimensões criadas pelo homem, riqueza material, poder político, posição social, vaidades humanas.

Vinte anos após pronunciar aquelas palavras, quando a Bahia intelectual, com o peso total de suas forças vivas veio a festejar-lhe o jubileu universitário, ele não pôde desta vez evitar a placa que a sua terra natal insistia em perpetuar seu nome, no Palácio do Comércio, mas aí foi a vez última que deixou aos pósteros o pensamento de toda sua vida, como seu legado à posteridade:

"Quando amanhã, passados muitos anos, perguntarem quem foi esse Orlando Gomes e alguém disser: foi um Homem de bem —, onde quer que eu esteja estarei feito e satisfeito. Foi tudo o que eu quis ser na vida".

Nós, os que lhe sobreviveram na cronologia do tempo, podemos testemunhar e jurar que até o fim ele falou a verdade.